

Moby Dick

Herman Melville

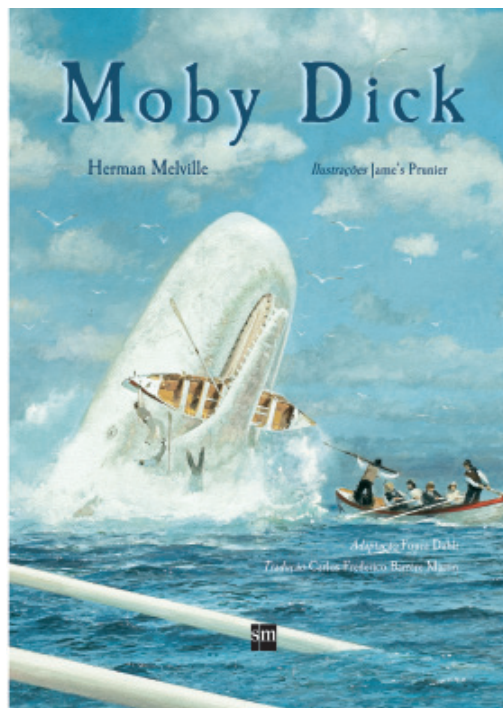
Adaptação Fouca Dabli

Tradução Carlos Frederico Barrère Martin

Ilustrações Jame's Prunier

Faixa etária a partir de 10 anos

64 páginas



TEMAS Clássico da literatura mundial / Obsessão / Perseguição / Vingança / Barcos / Baleia

O AUTOR Herman Melville (1819-1891) nasceu nos Estados Unidos e é autor de romances, contos e poemas. Quando os negócios de seu pai faliram, foi obrigado a abandonar os estudos e, sem emprego fixo, decidiu trabalhar como marinheiro em um navio baleeiro, viajando durante três anos. De volta aos Estados Unidos, contou as aventuras que viveu em alguns de seus romances. Seu livro mais famoso é *Moby Dick*.

O ILUSTRADOR Jame's Prunier nasceu em 1959 em Oran, Argélia. Acompanhando as mudanças exigidas pela profissão do pai, que era aviador, Jame's morou em lugares muito diferentes: às margens do Lago Constança, na Alemanha, e no Landes, de frente para o Atlântico, até se estabelecer definitivamente na França, onde se encantou pela arte e pelo desenho e realizou sua formação. Começou a ilustrar livros para crianças e jovens em 1982, com *Uma bala perdida*, de Joseph Kessel. De lá para cá, criou mais de duas dezenas de títulos, publicados em vários países.

A PODEROSA SAGA QUE ARRASTA UMA VINGANÇA

Ismael, jovem melancólico e solitário, decide se aventurar em uma viagem pelo mar, embarcando como marujo em um baleeiro, barco usado na caça à baleia, que é criatura que o fascina. Encontra, no navio *Pequod*, vaga e chance para sua empreitada. Na estalagem onde fica à espera da partida, conhece Queequeg, um arpoador, príncipe em uma ilha do Oceano Pacífico. A princípio, Ismael tem medo dele, pois o estranho é um canibal. Porém, logo depois, ambos se tornam grandes amigos. Embarcam no *Pequod*, cujo comandante é o capitão Ahab, em uma expedição que deve durar três anos. Aparentemente, o objetivo da tripulação é o lucro comercial com a caça de baleias e a extração do óleo, usado como combustível. Mas na sequência os tripulantes descobrem que o capitão é um homem extremamente obsessivo que quer se vingar de uma gigantesca baleia-branca que lhe arrancou uma das pernas em uma caçada – justamente Moby Dick. Durante a viagem, todos enfrentarão várias peripécias até o confronto final com o terrível animal, cujas consequências serão trágicas.

OBRA EM CONTEXTO

MOBY DICK: PARA ALÉM DO MAR, PARA ALÉM DO TEMPO

OBRA CLÁSSICA

Em seu famoso ensaio *Por que ler os clássicos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), o escritor italiano Italo Calvino faz algumas perguntas importantes sobre a importância de tais livros assim definidos; perguntas às quais se arrisca a dar respostas que incitam a curiosidade e a vontade de lê-los – ou melhor, como o escritor mesmo comenta, de procurar um clássico que seja o talismã de cada um. As reflexões feitas por Calvino passam por algo que ele define como sendo “leituras de juventude”. Tal mote pode ser um ponto de partida interessante para debater com a turma – verdadeiros leitores em formação! – quais são, até o momento, os melhores livros lidos por cada um e por quê. Nas palavras do autor: “Começemos com algumas propostas de definição.

1. *Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou relendo...’ e nunca ‘Estou lendo...’.* Isso acontece pelo menos com aquelas pessoas que se consideram ‘grandes leitores’; não vale para a juventude, idade em que o encontro com o mundo e com os clássicos como parte do mundo vale exatamente enquanto primeiro encontro. O prefixo reiterativo antes do verbo *ler* pode ser uma pequena hipocrisia por parte dos que se envergonham de admitir não ter lido um livro famoso. Para tranquilizá-los, bastará observar que, por maiores que possam ser as leituras ‘de formação’ de um indivíduo, resta sempre um número enorme de obras que ele não leu. Quem leu tudo de Heródoto e de Tucídides levante a mão. E de Saint-Simon? E do cardeal de Retz? E também os grandes ciclos romanescos do Oitocentos são mais citados do que lidos. Na França, se começa a ler Balzac na escola, e, pelo número de edições em circulação, se diria que continuam a lê-lo mesmo depois. Mas na Itália, se fosse feita

Definir o que é uma “obra clássica” é tarefa a que se dedicaram e a que se dedicam inúmeros autores, críticos, filósofos. Parece consenso geral que uma obra clássica é aquela cujo conteúdo não se esvai ao longo do tempo, cujo “teor de verdade” permanece vivo, uma obra que continua a suscitar emoção e interesse nos receptores mesmo com o passar do tempo e com as mudanças de sociedade. Nesse sentido, *Moby Dick* tem sido considerado, sem dúvida alguma, um livro clássico: escrito em 1851, *Moby Dick* é presença constante no imaginário de sucessivas gerações.

A história do homem taciturno e obsessivo que enfrenta face a face uma gigantesca baleia-branca na vastidão do oceano tem fascinado leitores há mais de um século e meio. O eixo central da narrativa frequentemente é compreendido como grande metáfora do confronto entre o ser humano e as forças da natureza, mas é muito mais do que isso: ao longo da narrativa, Herman Melville explora com brilhantismo e ironia os mais variados gêneros literários, das narrativas de viagens, passando pelos sermões e pela poesia popular, neles condensando algumas das mais profundas emoções humanas.

A adaptação de uma obra literária considerada “clássica”, desde que produzida adequadamente e com qualidade, proporciona a entrada do jovem leitor em um mundo de heróis emblemáticos que frequentemente são retomados em outros contextos e lhe permite a compreensão de relações intertextuais recorrentes e relevantes. Além disso, desperta nele a curiosidade de, em seu tempo, conhecer a obra original, dando-lhe ferramentas para tal.

Em uma adaptação para o público mais jovem, é inevitável a supressão de personagens secundários e/ou figurantes, a eliminação de digressões filosóficas ou conceituais mais extensas e a opção pelo fulcro que estrutura o enredo. Condensado em 14 capítulos, o texto desta adaptação preserva a linha condutora da narrativa e seus personagens principais, mantendo o foco na batalha pessoal do capitão Ahab contra *Moby Dick*. A força épica do original se mantém, permitindo que tal característica

uma pesquisa, temo que Balzac apareça nos últimos lugares. Os apaixonados por Dickens na Itália constituem uma restrita elite de pessoas que, quando se encontram, logo começam a falar de episódios e personagens como se fossem de amigos comuns. Faz alguns anos, Michel Butor, lecionando nos Estados Unidos, cansado de ouvir perguntas sobre Émile Zola, que jamais lera, decidiu ler todo o ciclo dos Rougon-Macquart. Descobriu que era totalmente diverso do que pensava: uma fabulosa genealogia mitológica e cosmogônica, que descreveu num belíssimo ensaio. Isso confirma que ler pela primeira vez um grande livro na idade madura é um prazer extraordinário: diferente (mas não se pode dizer maior ou menor) se comparado a uma leitura da juventude. A juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares; ao passo que na maturidade apreciam-se (deveriam ser apreciados) muitos detalhes, níveis e significados a mais”.

FOCO NARRATIVO

O foco narrativo é uma das mais importantes ferramentas na construção da estrutura de uma obra literária. É ele quem primeiro guia o leitor, mostrando sob qual ponto de vista a história será contada. Dependendo do ajuste, o foco narrativo deixa a voz de determinada (ou de determinadas) personagem mais forte ou tão forte quanto a do narrador, em um jogo que, quando bem construído, funciona para “esconder” a voz do autor – mesmo que ela esteja lá, presente, o tempo todo.

Um dos mestres em lidar com o quebra-cabeça do foco narrativo é o norte-americano Henry James (1843-1916). A construção de seus contos e romances se faz em delicado equilíbrio, esticando a corda bamba pela qual passam o autor, o narrador, os personagens e o leitor. No romance *Pelos olhos de Maisie*, publicado originalmente em 1897 (São Paulo: Companhia das Letras, 2010), a história da menina é contada pelo viés da protagonista e passa pelo crivo do narrador. Mostra o jogo entre Maisie – que se revela espectadora e testemunha das ações e dos segredos dos

seja trabalhada com os alunos como parte integrante de uma narrativa de aventuras, de cuja estrutura esta versão mantém vários elementos. Assim como no original, personagens, tempo, espaço e ações se encontram a todo o momento e culminam na antológica batalha contra a baleia Moby Dick, reafirmando a força da narrativa.

A narrativa de *Moby Dick* é construída em torno dos três personagens que garantem a organização de sua estrutura e de seu **foco narrativo**: o narrador Ismael; o protagonista, capitão Ahab; e o antagonista, a baleia Moby Dick. Todos os acontecimentos giram ao redor desses personagens: um que observa e dois outros que se enfrentam. A história, narrada em primeira pessoa, tem como pano de fundo as atividades de caça à baleia. E esse é um dos motivos que fazem o jovem Ismael embarcar no *Pequod*, baleeiro que sai do porto de Nantucket em direção ao Pacífico Sul, comandado por Ahab. Movido pelo desejo cego de vingança, força poderosa e corrosiva, o capitão enfrenta as forças da natureza e arrasta sua tripulação para o perigo, sem medir consequências, com um único objetivo: matar a baleia-branca que aterroriza os mares, que ninguém consegue vencer e que lhe arrancou uma das pernas.

Em *Moby Dick*, o foco é voltado para a progressão da história, em que a ação ocupa o primeiro plano, com a apresentação de eventos extraordinários – a começar pelo próprio tamanho da presa –, o perigo para os arpoadores no momento da caça, o trabalho hercúleo dos marinheiros no retalhamento do animal sob condições adversas, próprias do trabalho europeu no século XIX. Acima de tudo, porém, todos na narrativa estão à espera do momento em que encontrarão Moby Dick na vastidão solitária dos oceanos. Embarcar na narrativa, seguindo o convite de Ismael, é acompanhá-lo desde o começo, em seus preparativos para a partida no porto da cidadezinha de New Bedford, costa leste dos Estados Unidos, em direção a Nantucket. É em Bedford que Ismael conhece o arpoador Queequeq, indivíduo de comportamento estranho, que se torna um grande companheiro durante toda a travessia. A história é contada sob o ponto de vista de Ismael, personagem-narrador que, no início, ocupa o centro da trama; são suas ações que dão andamento à história. Saindo do trabalho na Marinha, Ismael resolve mudar de vida: abandona sua cidade e embarca em um baleeiro. O navio parte em direção ao alto-mar e então começa a fabulosa viagem, e a fabulosa narrativa de *Moby Dick*. O jovem

outros personagens – e o narrador, que está sempre com ela e além dela. No jogo entre personagens e narrador, Henry James cria vários focos narrativos e sobrepõe camadas interpretativas que desafiam o leitor.

Em *A personagem de ficção* (Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, São Paulo: Perspectiva, 2008), Antonio Candido mostra a importância do ato narrativo e do narrador fictício para que o campo ficcional seja construído, ou seja, para que uma história narrada seja reconhecida como ficção. “O narrador fictício não é o sujeito real de orações, como o historiador ou o químico; desdobra-se imaginariamente e torna-se manipulador da função narrativa (dramática, lírica), como o pintor manipula o pincel e a cor; não narra de pessoas, eventos ou estados; narra pessoas (personagens), eventos e estados. E isso é verdade mesmo no caso de um romance histórico. As pessoas (históricas), ao se tornarem ponto zero de orientação, ou ao serem focalizadas pelo narrador onisciente, passam a ser personagens; deixam de ser objetos e transformam-se em sujeitos, seres que sabem dizer ‘eu’.”

Perigos no mar, aventuras no livro

Um fato verídico, o naufrágio com marinheiros norte-americanos ocorrido no século XIX, foi a inspiração de Herman Melville para escrever seu mais famoso livro: o ataque de uma gigantesca baleia contra um baleeiro de nome *Essex*. O barco foi destruído e os marinheiros ficaram à deriva no Oceano Pacífico, enfrentando fome e sede. O caso teve grande repercussão porque a caça à baleia era, à época, uma forte atividade econômica nos Estados Unidos. Os baleeiros eram embarcações a vela, leves e rápidas, mas com espaço suficiente para abrigar algumas dezenas de pessoas e provisões suficientes para uma longa permanência no mar em perseguição aos cardumes de baleia, como relata Ismael. Tinham caldeiras e porões para a extração e armazenamento do óleo e carne obtidos.

Ismael apresenta ao leitor a tripulação do baleeiro, formada por pessoas de diferentes etnias, entre elas norte-americanos, um índio, um africano e seu amigo Queequeq, cada qual com diferentes atribuições.



À medida em que a narrativa prossegue, já em alto-mar, depois de conhecer Ahab, o capitão do *Pequod*, o centro da narrativa desloca-se para esse enigmático homem e sua constante obsessão autodestrutiva. A construção do personagem vai sendo feita aos poucos, fruto das observações de Ismael em torno dos gestos, atitudes, ordens e ações do capitão. A partir desse momento, Ahab assume um papel relevante na trama; Ismael desloca-se do centro da narrativa e assume agora o papel de observador-testemunha. Esse deslocamento de foco é o que possibilitará a construção da dramática cena do confronto final entre Ahab e Moby Dick, testemunhada do barco por Ismael.

Na primeira parte da história, Ismael traça o painel dessa típica travessia marítima: a difícil vida no mar, o trabalho incessante, a disciplina e rotina de cada dia, a alimentação repetitiva, composta principalmente de carne-seca, o rumo sempre na direção das regiões onde vivem as baleias. É pelo olhar de Ismael que o leitor conhece esses homens rudes, bem como a hierarquia social que é obedecida no navio, reflexo da sociedade em que estão inseridos. Na costa da África, quando ocorre a primeira caçada, Ismael relata a morte do animal com o arpão, momento de grande perigo para o arpoador. Em seguida, o retalhamento do animal e a extração da gordura nas grandes caldeiras, trabalho extenuante do qual todos participam.

No momento da caça, botes menores desciam à água e um arpoador experiente ia à frente com o arpão, procurando o melhor momento de lançá-lo contra a presa. Era essa a profissão de Queequeg, e é em um baleeiro como o *Essex* que Ismael embarca em seu desejo de aventura. Vale dizer que o mar sempre ocupou o imaginário popular, seja como fonte de inspiração poética, rota para lugares desconhecidos ou fonte de mistério, desafio e morte. E é essa a ideia que move o jovem aventureiro como tantos outros de seu tempo, antes dele e até hoje.



MAR

Em *Moby Dick* o mar é mais do que cenário: é espaço onde as obsessões, os medos e as características mais profundas dos personagens ganham densidade. Nas canções de Dorival Caymmi (1914-2008), o mar, muito mais do que simples tema, tem importância central. Nas palavras do poeta e ensaísta Antonio Risério, o mar “circunda a obra” do compositor baiano, dando motivo para seus versos e embalando suas melodias. Ao ouvir canções como “O mar” e “É doce morrer no mar”, tal percepção do ensaísta salta à vista. “É doce morrer no mar” conta a história de uma mulher que espera seu amado voltar da pescaria, revelando profunda tristeza ao notar que o barco veio sozinho, sem ele. A melodia da canção, melancolicamente, tem idas e vindas (presentes também na letra, que, quando impressa, tal como uma poesia concreta, faz o contorno das ondas do mar na areia).

Ao contrário da história verídica do *Essex*, entretanto, há, na narrativa de *Moby Dick*, um capitão enfurecido por vingança à procura de sua presa. Saber que uma baleia havia arremetido de cabeça contra um barco na vida real teria levado o autor Herman Melville a se perguntar por que um animal tão majestoso e geralmente calmo faria isso. Não se sabe, e não importa, de fato. A tentativa de responder a tal questão por meio da imaginação, construindo sólidos personagens, vívidas descrições, e criando um dramático confronto entre humanos e um poderoso animal dá forma a esta narrativa; o modo como ela é construída é onde justamente reside a genialidade do autor.

O TEMPO E O ESPAÇO EM MOBY DICK

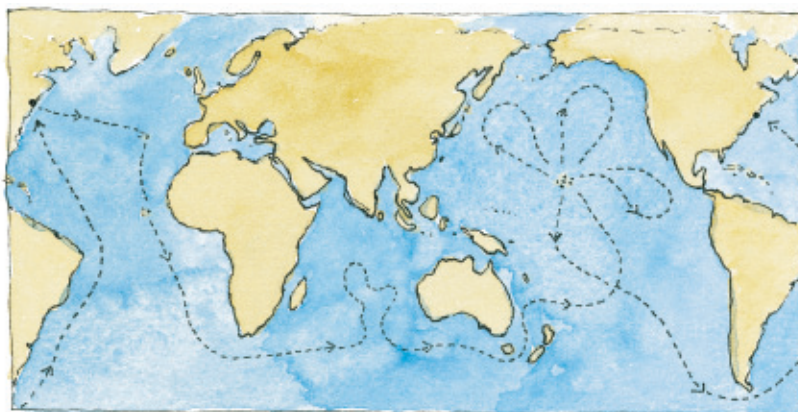
O espaço, na narrativa de aventuras, tem grande importância, pois muitas histórias se passam em lugares distantes, estranhos ou grandiosos, que impõem grandes desafios aos personagens. Em *Moby Dick*, o mar é o espaço desconhecido, imprevisível e majestoso, moldura dramática para a saga do capitão Ahab e sua tripulação no velho e desgastado *Pequod*.

Além de compor o cenário, o espaço, nesse gênero literário, pode adquirir muitas vezes um significado social, político ou econômico. É o que acontece em *Moby Dick*, pois o **mar**, lugar onde se passa praticamente a história toda, é fonte de recursos econômicos na caça à baleia. E essa atividade molda profissões, estilo de vida, hierarquia social. O espaço pode ainda exercer influência psicológica sobre os personagens. É o caso, nesta leitura, do capitão Ahab: a vida no mar, os perigos que enfrentou ao longo de sua vida e no decorrer de sua profissão marcaram irremediavelmente seu caráter e comportamento de homem destemido, taciturno e obsessivo.

O tempo narrativo de *Moby Dick* é o presente, característica do gênero de narrativa de aventuras. Os fatos são narrados em sequência cronológica, mas o tempo da narrativa é o do “agora”. Somente o que se desenrola no momento presente é levado em conta pela voz do narrador. Os incidentes, a rotina em alto-mar são momentos justapostos e organizados em sequência: são imagens, instantâneos que se sucedem e que

Baleias ameaçadas

Moby Dick é tratada na história como “baleia-branca”. Ela é, na verdade, uma espécie dentre as baleias, a chamada “baleia-cachalote”, mamífero marinho com dentes, de aproximadamente 18 metros de comprimento em relação aos 12 metros de uma baleia comum. A caça à baleia é antiquíssima. Todavia, somente no século XIX começou a ser feita com o uso do arpão, instrumento acoplado ao barco por meio de um cabo com uma ponta de ferro para fixar-se na presa, posteriormente abatida com lanças. A matéria-prima mais importante advinda da caça ao animal sempre foi a gordura, que, depois de extraída e transformada em óleo, era usada como combustível para a iluminação e para os maquinários. Com os subprodutos, eram feitos ainda sabonetes, instrumentos, ferramentas e até peças artísticas com os ossos do animal. No início do século XX, os arpões foram equipados com explosivos, aumentando o número de animais abatidos, atitude que trouxe grande risco à preservação da espécie. Por volta de 1950, as maiores baleias, como a “azul”, a “fin”, a “jubarte” e a “franca”, encontravam-se em risco de extinção, tendo desaparecido dos mares no Hemisfério Norte. Em 1986, por meio de um tratado internacional, foi decretada a suspensão mundial, por prazo indeterminado, da caça à baleia. Mesmo assim, ainda hoje alguns países continuam com essa prática para fins comerciais, alegando investigação científica. Organizações de defesa da natureza, como o Greenpeace, promovem, há anos, campanhas contra essa caça ilegal.



conduzem inexoravelmente para a cena final, como um destino a ser fatalmente cumprido.

Para muitos estudiosos e críticos, o romance *Moby Dick* esconde, sob a narração da viagem e a busca ensandecida de Ahab, algumas metáforas e simbologias. Em uma primeira leitura, parece pouco verossímil que a perda de uma perna justifique uma perseguição tão insana e implacável tal como é retratada na história. Por conta disso, muitas hipóteses foram lançadas para decifrar o real significado da oposição entre Ahab e a baleia Moby Dick.

Para a maioria dos estudiosos da obra de Melville, a contraposição de forças entre os personagens seria uma metáfora do conflito com que o ser humano enfrenta diante do próprio destino. O destino seria encarado como uma força intensa e cruel, já que seu poder, ligado à morte, pode esmagar a condição humana. O conflito entre Ahab e Moby Dick poderia, ainda, ser a fábula da derrota do ser humano perante as implacáveis forças da natureza.

A narrativa poderia, ainda, ser alegoria de uma liderança irracional que conduz à destruição, levando consigo seres humanos perdidos em uma loucura inexplicável, que cega e paralisa. A tripulação do *Pequod* seria, então, uma metáfora da própria humanidade, conduzida, por Ahab, à morte. Para outros, seria a alegoria da luta entre o *bem* (Ahab) e o *mal* (Moby Dick). Tal hipótese é frequentemente contestada, pois é possível depreender, em alguns momentos da trama, que a baleia só ataca porque é provocada.

As baleias aparecem também em diversos outros relatos. Um deles é o episódio bíblico do profeta Jonas, que foi engolido por uma baleia e sobreviveu em seu ventre por três dias. O episódio é considerado uma parábola, pois expressa um

As narrativas de aventuras

Foi a partir do século XIX, inseridas no contexto do Romantismo, que surgiram na Europa e nos Estados Unidos as chamadas “narrativas de aventuras”, ou “romances de aventuras”, em que a coragem e a força de vontade são ingredientes postos à prova no confronto do perigo. O enredo gira em torno de homens destemidos e audaciosos, envolvidos em ações extraordinárias, e é ambientado, em geral, em viagens a lugares hostis e desafiadores.

O gênero apresenta ainda acontecimentos imprevistos, tarefas difíceis, arriscadas e perigosas. Os personagens geralmente perseguem um objetivo determinado, que, no caso de *Moby Dick*, é a caçada e a morte de um animal. Geralmente, a organização textual de uma narrativa de aventuras é estruturada em cinco partes: a) situação inicial, em que são apresentados os elementos constitutivos da trama; b) complicação, em que surge o motivo gerador do conflito; c) sequência de ações, com novos fatos, decorrentes dos anteriores; d) desfecho, quando ocorre a resolução parcial ou total do conflito; e) situação final. Essas cinco partes podem organizar-se de maneiras diferentes, mais ou menos complexas, dependendo da organização dada à trama pelo narrador. Em *Moby Dick*, a narrativa começa com o delineamento da situação inicial: o embarque e a descrição dos afazeres cotidianos. Na segunda parte, instaura-se o conflito, com o oferecimento de uma recompensa para quem primeiro localizar a baleia. Na terceira parte, a batalha coletiva contra o animal, que é o clímax; em seguida, o trágico desfecho, com a morte de quase todos os barcos e baleeiros destruídos e afundados. A situação final consiste na cena de Ismael agarrado ao esquife de Queequeg como uma boia. O que era símbolo de morte, passa a ser condição de vida.



ensinamento de caráter moral e religioso: afinal, Jonas apenas se salvou por conta de sua fé em Deus. Também é possível lembrar-se de *Pinóquio*, de Carlo Collodi, quando, em certo momento da narrativa, Pinóquio e Gepeto são engolidos por uma baleia, de dentro da qual saem ilesos.

Pode ser que a “ferocidade” e a monstruosidade atribuídas à *anima* da baleia Moby Dick sejam uma projeção da ira que se abate sobre Ahab, este, sim, um homem sombrio e vingativo. É certo que sofreu um acidente, mas que poderia ter sido fruto do acaso, e não do ataque calculado e agressivo do animal. De qualquer forma, o grande tema do romance é a vingança. Assim, o desejo obsessivo de vingança de Ahab refletiria tão somente o orgulho ferido de um caçador experiente, vencido por um animal que o mutilou fisicamente e, ao mesmo tempo, manchou sua reputação.

NA SALA DE AULA

Para saber mais

Para o aluno

LIVROS

- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusóé*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
Rebelando-se contra a vida pacata da classe média de York, na Inglaterra, o jovem Robinson Crusóé foge de casa e se torna marinheiro. Sempre em busca de aventuras, parte para a Guiné, na África, mas uma tempestade leva seu navio para o mar do Caribe e outra o faz naufragar. Único sobrevivente do desastre, Crusóé consegue chegar a uma ilha deserta, ao largo da costa venezuelana, e ali passa 27 anos, dois meses e dezenove dias.
- TRELAWNAY, Edward John. *Memórias de um corsário*. São Paulo: Edições SM, 2010.
História de um lendário marinheiro que conhece lugares perdidos no meio do oceano e trava violentos combates contra piratas e navegantes.
- VERNE, Júlio. *A volta ao mundo em 80 dias*. São Paulo: Ática, 2011.
Um inglês aceita uma aposta, de acordo com a qual precisa dar a volta ao mundo em exatamente 80 dias, durante os quais vive grandes aventuras e perigos.

FILMES

- *As aventuras de Gulliver*. Direção: Rob Letterman. EUA, 2010. 95 min.
Baseado no livro homônimo, de Jonathan Swift. Nesta adaptação, Lemuel Gulliver, correspondente de um jornal em Nova York, viaja para o Triângulo das Bermudas para escrever uma reportagem sobre o misterioso lugar. Acaba chegando a Lilliput, terra de homens minúsculos, onde ele é um gigante.

- Além de não ter perdido o encanto da narrativa fascinante que é o original, esta adaptação de *Moby Dick* permite aos leitores que entrem em contato com a beleza artística do livro, presente nas ilustrações feitas para o volume. Pensando nisso, peça aos alunos que sentem em roda, em um lugar confortável da sala de aula, e observem detidamente as imagens da capa e da contracapa. Em um bate-papo, organizando os comentários de quem quiser falar, ajude-os a refletir sobre a cena por meio de perguntas que englobem as seguintes situações:

a. Sobre a cena/cenário:

- O que está acontecendo?
- Quais são os elementos que podem ser identificados?
- Como está o mar?
- Como está o dia?

b. Sobre as pessoas que fazem parte da cena:

- Quem são essas pessoas: de onde vêm? Para onde estão indo?
- Por que será que aconteceu o que está se vendo na cena?

c. Em seguida, peça que observem a contracapa:

- A cena faz parte da cena de capa?
- E essas pessoas, quem são?
- Por que estão afastadas?

d. Ajude-os a analisar a composição geral da cena, tanto de capa como de contracapa:

- Qual é a figura mais importante do conjunto? Por quê?
- O que significa a cor branca sem contorno no corpo do animal?
- Qual é o ponto de vista privilegiado?

Lembre-se de que o importante não é obter respostas corretas; o objetivo é o levantamento de hipóteses que poderão, no decorrer da leitura, ser ou não validadas, despertando o interesse e preparando os alunos para a leitura.

• *Moby Dick*. Direção: John Huston. EUA, 1956. 115 min.

Disponível em: <<http://youtu.be/jxwLVQLweqs>>. Acesso em: ago. 2014.

• *Viagem ao centro da Terra*. Direção: Henry Levin. EUA, 1959. 132 min.

Baseado no livro homônimo de Júlio Verne, conta a história de um cientista que busca encontrar seu irmão desaparecido. Com o sobrinho, viaja para a Islândia, onde ambos ficam presos em uma caverna e chegam ao centro da Terra, enfrentando um ambiente hostil e cheio de perigos.

Para o professor

LIVROS E ARTIGOS

• BALEIA arponeada na Islândia após proibição da caça de dois anos.

Vídeo do Greenpeace mostrando como se realizam a caça e o retalhamento de uma baleia por baleeiros irlandeses. Disponível em: <http://youtu.be/93TL-ZVW_DU>. Acesso em: ago. 2014.

• COELHO, Nelly Novaes. A novelística de aventuras. In: *A literatura infantil: história, teoria, análise – das origens ao Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 1982.

• JAPÃO vai continuar a caçar baleias. Artigo sobre os acordos para a proibição da caça às baleias. Disponível em: <<http://www.veggietal.com.br/japao-pesca-baleias>>. Acesso em: ago. 2014.

• MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

• PINTO, Manuel da Costa. Adaptação para público juvenil recria atmosfera do romance *Moby Dick*. *Folha de S.Paulo*, 16 jun. 2013. Resenha sobre a adaptação de *Moby Dick* feita por Edições SM, com comentários sobre as ilustrações. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/manueldacosta/2013/06/1295550-adaptacao-para-publico-juvenil-recria-atmosfera-do-romance-moby-dick.shtml>>. Acesso em: ago. 2014.

Depois que a ilustração de capa/contracapa for analisada pelos alunos, indague-os, ainda em uma conversa informal e descontraída, se eles conhecem a história de *Moby Dick*. Caso não conheçam, pergunte se imaginam qual é o tipo de história que encontrarão no livro e a quem o título se refere: a um navio? A uma pessoa? A um animal? Para finalizar a atividade, conte um pouco sobre a narrativa, do que trata o livro, quem é o autor etc. Não se esqueça de explicar aos alunos que este exemplar que eles têm em mãos é uma adaptação da história original.

- Enquanto os alunos estiverem lendo *Moby Dick*, sugere-se uma pausa para proporcionar a troca de impressões sobre a leitura, tecendo reflexões sobre o que já foi lido. Combine com os alunos a leitura até o Capítulo 8. Ao propor o reinício da narrativa, leia a frase inicial com os alunos e pergunte quem já ouviu falar do Cabo da Boa Esperança. Em seguida, trabalhe com o mapa alocado na contracapa interna do livro, localizando onde se encontra o *Pequod* naquele momento da narrativa em que estão. Faça os alunos observarem a rota já percorrida e a que resta a ser cumprida pelo baleeiro. Até onde acham que chegará o *Pequod* no símbolo (●) marcado? Chame a atenção para a imagem do barco à esquerda e pergunte se a viagem, nesse barco, seria fácil de ser feita em três anos. Leve-os a refletir sobre como o sistema de transporte evoluiu ao longo dos séculos: quanto tempo um avião leva do Brasil ao Japão hoje?

Posteriormente, na leitura do Capítulo 11, faça uma pausa para analisar a imagem em página dupla, a mesma da capa. Faça grupos de dois ou três alunos para que verifiquem a validação de suas hipóteses iniciais sobre a história, aquelas debatidas na roda de conversa, quando analisaram a imagem da capa. Quais delas foram validadas? O grupo consegue reconhecer cada um dos integrantes do barco à esquerda e quem tem o arpão nas mãos? Essa cena representa que dia da caçada?

- Uma característica importante das narrativas de aventura é o enfrentamento de grandes perigos em um ambiente hostil. Essa regra se aplicaria a *Moby Dick*? Peça aos alunos que elaborem um comentário apontando na história lida as características desse gênero. Forneça-lhes os itens que





• RICHE, Rosa Maria Cuba. A narrativa de aventuras e o perfil do herói aventureiro: oficina interdisciplinar de leitura e produção textual. *Revista Perspectiva*, v. 20, n. 1, 2002.

Exemplo de como trabalhar o gênero das narrativas de aventuras com base na obra *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/10417/9683>>. Acesso em: ago. 2014.

definem o gênero, como os personagens, o espaço, os perigos, o grande desafio a ser travado pelos protagonistas. Os alunos completarão com suas observações. Posteriormente, em duplas, peça que identifiquem as partes da narrativa, indicando o momento ou capítulo onde cada uma delas ocorre: situação inicial, complicação, ações subsequentes, o clímax, o desfecho, situação final, como mencionado no box sobre o gênero de aventuras. É possível, ainda, formar grupos de quatro alunos para fazer uma pesquisa sobre a caça à baleia nos dias de hoje. Cada grupo pode fazer uma apresentação de cinco minutos sobre o assunto pesquisado.